

Cem anos de solidão



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista

Fazer política no Brasil é exercício perigoso. Nos últimos sessenta e poucos anos tivemos um presidente que, repentinamente, renunciou ao mandato. Esperou que o povo fosse buscá-lo numa base aérea em São Paulo. O povo não apareceu, e ele se viu na circunstância de embarcar em um navio cargueiro em direção a Londres. Jânio Quadros nunca mais recuperou seu antigo prestígio. Jango, que jamais foi comunista, fez um jogo esquerdista para liderar o espólio de Getúlio Vargas e acabou deposto pelos militares em 1964. Terminou seus dias numa fazenda no Uruguai, milionário, mas esquecido pelos seus liderados. Final triste. Voltou ao Brasil dentro de um caixão.

Nos governos militares, a luta pelo poder também produziu vítimas de todos os tipos e tamanhos. A começar pelo primeiro presidente militar do regime de 64, o marechal Costa e Silva. A disputa ocorreu entre ele e o também marechal Castello Branco. Costa e Silva venceu, tomou posse, governou e teve um sério problema circulatório. Morreu. Seu vice, o mineiro Pedro Aleixo, foi avisado que não tomaria posse. Simplesmente escantearam o vice-presidente constitucional para que assumisse o poder uma trinca de militares, chamada de junta militar. Ulysses Guimarães apelidou o grupo de os três patetas. Estes, por sua vez, providenciaram

uma espécie de escolha dentro da tropa. Venceu o mais discreto deles, Emílio Médici.

Depois, na sucessão de Médici, ocorreu outra disputa e o vencedor foi Ernesto Geisel, cujo irmão, Orlando, era ministro da Guerra. Nesse período, começa a abertura lenta e gradual que produziu vítimas nos dois lados. Na sucessão de Geisel, os duros ou aqueles que não queriam a abertura política se colocaram ao lado do então ministro da Guerra, Sílvio Frota. Um de seus ajudantes de ordem era o jovem oficial Augusto Heleno, que, hoje general, é um veterano de revoluções perdidas. Os duros perderam a disputa pela presidência, e o escolhido foi João Figueiredo, que completou seu governo aos trancos e barrancos, com a saúde comprometida. Não passou a faixa para o eleito José Sarney e saiu pela porta dos fundos do Palácio do Planalto.

Aliás, o presidente Sarney é até agora a exceção à regra. Ele está com boa disposição física aos 94 anos, foi homenageado de todas as formas neste mês pelos 40 anos de sua posse. Ele relembrou o período de redemocratização do país, que lhe caiu nas costas após a morte de Tancredo Neves. Os que vieram depois não escaparam da sanha devastadora de presidentes: Fernando Collor e Dilma Rousseff sofreram impeachment. Fernando Henrique Cardoso, que governou dois mandatos, está vivo e ativo em São Paulo. Mas seu partido, o PSDB, desapareceu. E Lula enfrenta seu terceiro mandato com olhos na possibilidade de permanecer mais quatro anos no Palácio da Alvorada, desde que consiga os votos do centro democrático.

O processo político brasileiro é autôfágico. Engole seus líderes. É difícil permanecer em posição de destaque por longo período. Jair Bolsonaro não entendeu nada na sua rápida e

tumultuada passagem pela Presidência da República. No auge da pandemia, cercado por mais de 700 mil mortos, ele teimava em afirmar que a doença não era fatal. Nunca visitou um hospital, nem consolou doentes ou seus familiares. Ao contrário, incentivou as grandes aglomerações. Proferiu discursos ofensivos, afirmou que não acataria decisões da Justiça. Desafiou a tudo e a todos. Ele vai pagar o preço. Algum tempo no xilindró lhe fará bem. Quem sabe, o ex-presidente tome coragem e abra um livro, qualquer livro.

Outra característica da política brasileira é que nem o passado é definitivo. As opiniões mudam com a facilidade com que políticos mudam de legenda. O petróleo colocou muita gente na cadeia, obteve depoimentos impressionantes de corrupção, delações detalhadas que, numa penada, foram esquecidas e colocadas à margem de qualquer processo. Os condenados de ontem foram liberados pelo mesmo tribunal que os condenou. Bolsonaro vai para o fundo do poço da política. Deve ser abandonado por parte de seus correligionários, porque o show precisa continuar. Mas poderá resurgir em outro momento, graças à boa vontade dos magistrados. Tem sido assim ao longo da história do Brasil. Cheia de punições e plena de revisões.

Ao longo das últimas décadas, os políticos brasileiros se ocuparam de atacar uns aos outros. Muitos se perderam nessa luta, mas o país perdeu ainda mais. Ao longo desse período, a China, que era um país pobre, tornou-se potência mundial, e a Índia, famosa pelas populações famélicas, hoje é a quinta maior economia do mundo. O Vietnã, que o presidente Lula visitou, saiu de uma guerra devastadora para se transformar em uma das economias que mais crescem no mundo. Essa realidade dá a medida correta do tempo perdido. Cem anos de solidão.

O arroz brasileiro mais competitivo no contexto global



» ELTON DOELER
Presidente da Associação Brasileira da Indústria do Arroz (Abiarroz)

Referência em qualidade no mercado internacional, o arroz brasileiro — embarcado para mais de 100 países no ano passado — inicia 2025 com o desafio de aprimorar sua competitividade e ampliar sua participação no comércio exterior. Passada a abertura oficial da colheita da nova safra, a expectativa é de aumento de 11,4% na produção do grão em relação ao ciclo anterior. Serão 11,8 milhões de toneladas colhidas, conforme estimativa da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Somos o 10º maior produtor de arroz do mundo — e o primeiro fora da Ásia. Temo plenas condições de atender à demanda externa, com fluxo de exportação estável, sem comprometer o abastecimento interno. Mais do que isso: nossa capacidade produtiva pode ser ampliada a depender da exigência, uma vez que dispomos de áreas agrícolas, tecnologia avançada e condições climáticas favoráveis, além de disponibilidade industrial para aumento do volume beneficiado. Somos parte do Mercosul, bloco econômico que conta com excedentes de produção, o que reforça a necessidade de exportação do grão para assegurar a sustentabilidade do setor orizícola e a manutenção da segurança alimentar mundial.

Nesse contexto, a Associação Brasileira da Indústria do Arroz (Abiarroz), por meio do projeto de exportação Brazilian Rice — realizado junto à Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil) —, tem trabalhado na abertura, ampliação e manutenção de mercados internacionais. O projeto favorece, entre outros aspectos, a construção de parcerias estratégicas, por meio da promoção comercial e de imagem do arroz brasileiro.

Um exemplo de parceria com potencial de expansão tem sido desenvolvida com o México — destino incluído no rol de mercados prioritários do Brazilian Rice. O país norte-americano é um grande consumidor de arroz e depende de importações para garantir a segurança alimentar de sua população. Nesse sentido, o Brasil tem se consolidado como um parceiro estratégico e confiável no suprimento de arroz de qualidade.

O Pacote contra a Inflação e a Carestia (PACIC), política doméstica do governo mexicano para garantir o acesso a alimentos essenciais a preços justos, permitiu que o arroz brasileiro ampliasse significativamente sua presença nesse mercado, a partir da isenção de tarifa de importação para o produto brasileiro.

Com a implementação do programa, em maio de 2022, as exportações para o México cresceram mais de 10 vezes, passando de 32 mil para 450 mil toneladas. Esse avanço demonstra a confiança dos importadores e consumidores mexicanos na qualidade do nosso produto e reforça o potencial de cooperação entre os dois países no abastecimento desse item essencial.

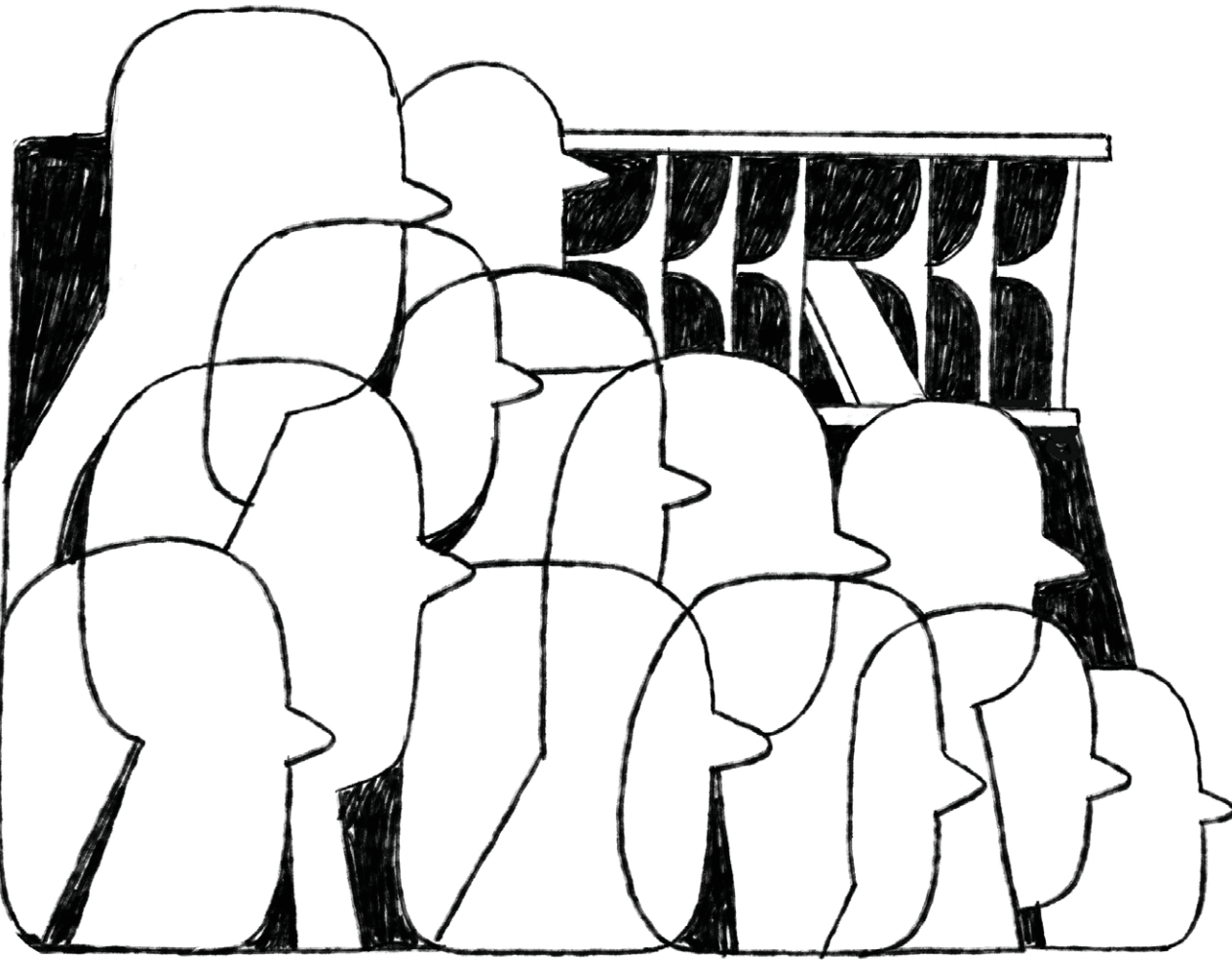
A renovação do PACIC até o fim deste ano é uma medida positiva, mas também uma oportunidade de aprimoramento da parceria comercial. Atualmente, apenas o arroz em casca continua isento de tarifas, enquanto o grão beneficiado pela indústria voltou a ser taxado em 16%, impactando a competitividade no mercado mexicano. Nesse sentido, tem-se trabalhado por um tratamento isonômico, principalmente em relação a outros países do Mercosul.

A ampliação do comércio de arroz entre Brasil e México pode ser ainda mais fortalecida por meio de acordos comerciais que garantam condições justas de competitividade. Já possuímos Acordos de Complementação Econômica (ACEs) com o México, como o ACE 55, que prevê livre comércio de automóveis, e o ACE 53, que elimina ou reduz tarifas de importação para cerca de 800 posições tarifárias. O arroz também tem de ser considerado nessas tratativas.

O caso do México é um exemplo, mas evidencia um desafio maior enfrentado pelo Brasil: a necessidade de fortalecer políticas de abertura comercial, com ampliação e manutenção de acordos internacionais.

Essa missão torna-se ainda mais desafiadora frente a um contexto em que o multilateralismo tem perdido terreno para o protecionismo. Temos poucos acordos comerciais vigentes que incluem o arroz, o que restringe nosso potencial exportador e reduz nossa competitividade global. Para que os produtos nacionais ganhem maior escala sem entraves desnecessários, o livre mercado é que deve reger essas relações.

O Brasil tem uma agricultura reconhecida mundialmente, e seu arroz é sinônimo de qualidade. O diálogo entre governos e indústrias de diferentes países pode ser um caminho para construir um modelo comercial sustentável, que promova o desenvolvimento econômico conjunto e favoreça a segurança alimentar. Valorizar o arroz brasileiro e defendê-lo de obstáculos vão ser valorizar uma cadeia importante da nossa economia, a nossa vocação agrícola e um comércio global mais livre e justo, que considera as aptidões de cada país.



Dores da mulher negra: desafios e resistência



» JOANA DARC MELE
Jornalista e radialista,
ativista dos movimentos negro e LGBT+

Ao ser convidada para escrever sobre negritude, como mulher negra de pele preta, escolhi falar dos desafios de ser uma mulher negra no Brasil. De início, não dá para falar da mulher negra sem mergulhar no seu mundo de dor, silenciamento e violências. O silenciamento da mulher negra é uma questão crítica, que desencadeia outras formas de violência e que merece atenção e ações sérias para mudar esse cenário.

Historicamente, nós, mulheres negras, enfrentamos o racismo, o sexismo e as demais formas de opressão, o que nos torna invisíveis diante da sociedade. Falar sobre isso é, antes de tudo, sentir dor. É necessário entender esse fenômeno para buscar visibilidade e justiça para todos nós.

O silenciamento da mulher negra se manifesta todos os dias. Quando lhe é negada a voz nos espaços de fala e de poder, quando lhe roubam o protagonismo e desprezam sua história e cultura. Muito mais, quando usam estereótipos para sub-representá-la num sistema de cotas mesquinho.

Em tempo de exploração midiática, mulheres negras não passam de figuração irreal em novelas que só reforçam o apagamento, mesmo que, atualmente, a grande mídia ouse escrever a parte do enredo da negritude que lhes interessa.

No ambiente de trabalho, a discriminação salarial, a falta de oportunidades de ascensão profissional e negativas aos cargos de chefia são gritantes. Na escala econômica, a mulher negra está na rabeira. Tudo isso colabora para acentuar ciclo de exclusão e ascensão social que limita seu potencial e contribui para a perpetuação das desigualdades estruturais.

Mesmo quando ocupam posições de destaque, muitas vezes, suas ideias e realizações são desvalorizadas ou apropriadas por pessoas brancas. Digo ainda que a herança maldita da escravidão e da colonização nos trouxe consequências danosas, ainda hoje enraizadas na sociedade que perpetuaram o racismo e a falta de oportunidades.

Falar sobre isso traz um sentimento triplo de revolta, indignação e muita dor. A escravidão arrancou nossas identidades, cultura e dignidade. Tivemos nossos corpos negociados como mercadoria barata. Fomos expostas a violências físicas, emocionais, psicológicas e todas outras formas de opressão que, absurdamente, ainda dilaceram a alma neste século 21.

Além disso, a mulher negra muitas vezes carrega o estigma da hiperssexualização. A busca por amor e aceitação como ela é pode resultar em um ciclo de vazio interior e profunda carência e, consequentemente, levar a relacionamentos interpessoais superficiais ou tóxicos. A mulher negra precisa se esforçar muito mais para ser vista e valorizada. E isso provoca um desgaste de energia emocional e psicológica gigantesca.

Estigmatizadas como mulher servil para iniciação sexual de senhores brancos e abusadas e violentadas no período colonial, comercializadas como objetos de luxúria, fomos relegadas ao esquecimento. Ao uso e usufruto de prazeres mundanos. Mais nada.

Assim, a mulher negra é, eternamente, solitária. As dificuldades enfrentadas contribuem para acentuar esse sentimento de desamparo e solidão. Quando chegam os filhos, muitas vezes, são abandonadas, e lá vai ela revirar o mundo em defesa de sua cria. É dela o papel de mãe solitária, provedora do lar. Na maioria das vezes, a falta de acesso à saúde, condições precárias e vulnerabilidade social acentuam a solidão e o desamparo, tornando ainda mais difícil lidar com essas e outras adversidades.

Ainda que na contemporaneidade, mulheres negras continuem sendo alvo do silenciamento, das discriminações e violências, não posso terminar esse texto sem mencionar a força e resiliência dessas mulheres. Elas criam laços, apoiam-se umas às outras, num aprendizado ancestral de acolhimento, união e cooperação.

Não só isso. Guiadas pela ancestralidade, encontram na literatura, artes, música, dança, formas poderosas de expressão que ajudam a combater a solidão, o silenciamento, dar visibilidade à cultura e aos jeitos que só a raça negra possui.

Aos poucos, fomos nos engajando na luta por igualdade racial e de direitos. Levantamos nossas vozes, reafirmando nossa existência, resistindo, exigindo respeito e dignidade. Os movimentos sociais negros, incluindo os feministas, foram grandes alicerces para o resgate da cultura e das riquezas de todo o povo negro, numa movimentação que desafia as estruturas de opressão e promovem visibilidade das questões que afetam a população negra como um todo. Muito me orgulha ser parte desse universo. Muito me engrandece integrar história forte, mesmo com tantos desafios ainda a enfrentar.